



## PROJETO BETÂNIA: REFORMA SOCIAL NO CENTRO DE ACOLHIDA ESPECIAL CONTRIBUIÇÕES DA ENGENHARIA CIVIL

DOI: 10.37702/2175-957X.COBENGE.2025.6011

**Autores:** CAROLINE VALADÃO PACHECO, PATRICIA BARBOZA DA SILVA, CLARELICE BENICIA LOURENÇO DOS SANTOS, GIOVANNA MARCONDES PALADINI, INGRYD SANTOS CRESCÊNCIO

**Resumo:** Este projeto propõe uma intervenção concreta na luta contra a violência de gênero, por meio da reforma de um Centro de Acolhida Especial (CAE) destinado a mulheres em situação de violência. A iniciativa visa transformar o espaço em um ambiente verdadeiramente acolhedor, seguro e estruturado, capaz de promover não apenas proteção imediata, mas também o fortalecimento da autoestima e a construção da autonomia pessoal e social das mulheres atendidas. Partindo do reconhecimento dos avanços do movimento feminista, o projeto reforça a necessidade de ações contínuas e efetivas que garantam os direitos das mulheres e possibilitem sua plena reintegração à sociedade. Ao investir na reestruturação do CAE, esta proposta se coloca como um passo fundamental rumo à erradicação da violência contra as mulheres e à promoção de uma sociedade mais justa, igualitária e solidária.

**Palavras-chave:** Violência, Mulheres, Iniciativa e Reforma.

## **PROJETO BETÂNIA: REFORMA SOCIAL NO CENTRO DE ACOLHIDA ESPECIAL**

### **CONTRIBUIÇÕES DA ENGENHARIA CIVIL**

#### **1 INTRODUÇÃO**

A violência contra a mulher constitui uma das expressões mais persistentes das desigualdades estruturais na sociedade brasileira. Sustentada por relações históricas de poder desiguais entre homens e mulheres, essa violência atravessa diferentes classes sociais, etnias, faixas etárias e tradições culturais, manifestando-se em múltiplas formas de opressão. À luz da Psicologia Social Crítica, tal fenômeno não pode ser entendido como uma sucessão de casos individuais, mas como parte de um sistema que fragiliza a identidade feminina, limita sua autonomia e silencia suas subjetividades (Lane; Codo, 2001).

Apesar dos importantes avanços conquistados por meio das lutas feministas e da criação de políticas públicas voltadas à proteção das mulheres, ainda é evidente a distância entre o discurso legal de garantia de direitos e as condições concretas em que muitas mulheres vivem. Os efeitos da violência extrapolam a dimensão física da agressão. Produzem impactos emocionais, rompem vínculos afetivos, corroem a autoestima e comprometem a capacidade de reconstrução subjetiva das vítimas. De acordo com Montero (2006), o sofrimento individual só pode ser compreendido e enfrentado a partir da análise de seu enraizamento no contexto social, sendo a superação possível apenas por meio de ações coletivas que promovam escuta ativa, empoderamento e participação comunitária.

Com base nesse entendimento, os Centros de Acolhida Especial (CAE), vinculados à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da cidade de São Paulo, foram concebidos como equipamentos públicos destinados ao atendimento de mulheres em situação de violência com risco iminente de morte, com ou sem filhos. Esses espaços têm por finalidade oferecer, além do abrigo físico, um ambiente psicossocial seguro, afetivo e estruturado para o cuidado, o fortalecimento e o recomeço. O atendimento psicológico contínuo e os encaminhamentos aos serviços especializados funcionam como pontes para a reconstrução da trajetória das acolhidas.

No entanto, a efetividade desses espaços está diretamente condicionada à qualidade da infraestrutura oferecida. Conforme destaca Lane (2001), é no cotidiano das instituições que se revelam as contradições entre os discursos de garantia de direitos e a materialidade dos serviços. A precarização dos ambientes de acolhimento, a ausência de acessibilidade, a falta de privacidade, a insalubridade e a carência de espaços de convivência humanizados não apenas comprometem a qualidade do atendimento, como podem reforçar o sentimento de abandono, exclusão e indignidade, reproduzindo as violências que se buscava combater.

Frente a esse cenário, o presente projeto foi concebido com o objetivo de elaborar e executar uma reforma humanizada em um Centro de Acolhida Especial (CAE) localizado na zona leste da cidade de São Paulo. A proposta visou transformar um espaço institucional marcado por limitações estruturais em um ambiente acolhedor, funcional, seguro e humanizado, capaz de contribuir ativamente para o fortalecimento da autonomia, da autoestima e da dignidade das mulheres acolhidas. Para alcançar esse objetivo, o projeto articulou os conhecimentos técnicos da Engenharia Civil com os fundamentos ético-políticos da Psicologia Social Crítica, adotando uma abordagem interdisciplinar e metodologicamente participativa.

A proposta foi desenvolvida com base na metodologia da Pesquisa-Ação Participante (Montero, 2006), que considera os sujeitos envolvidos como protagonistas do processo de transformação. A escuta ativa das profissionais da instituição e das mulheres acolhidas foi

central para o levantamento das necessidades concretas e simbólicas do espaço. Essa escuta foi conduzida com sensibilidade e respeito às experiências vividas pelas usuárias, reconhecendo seus saberes como legítimos e essenciais para o delineamento das soluções técnicas.

A partir do diagnóstico participativo, foi elaborado um projeto arquitetônico que contemplou a reconfiguração dos dormitórios, a reforma e adaptação dos banheiros para garantir acessibilidade universal, a criação de espaços de convivência acolhedores, ambientes lúdicos para crianças, áreas de capacitação e um espaço multiuso destinado a rodas de conversa e oficinas. As soluções projetadas priorizaram o conforto ambiental, a ventilação e iluminação naturais, o uso de materiais sustentáveis e de fácil manutenção, e a valorização estética dos ambientes, compreendidos como mediadores simbólicos da experiência do acolhimento.

A execução da obra foi realizada em parceria com a Tegra Incorporadora, e acompanhada de perto pelas alunas de Engenharia Civil envolvidas no projeto. Durante a fase de obra, elas participaram de visitas técnicas regulares, observaram o andamento dos serviços, realizaram ajustes e compatibilizações de campo, e vivenciaram na prática os desafios da gestão de um canteiro de obras em contexto socialmente sensível. Esse processo formativo foi fundamental para o desenvolvimento de competências técnicas, interpessoais, éticas e sociais, articulando teoria e prática conforme propõe Freire (1996) em sua pedagogia do diálogo e da ação transformadora.

O impacto da reforma foi duplo. Em primeiro lugar, promoveu melhorias objetivas na infraestrutura do CAE, com ambientes mais seguros, acessíveis, salubres e adequados às funções de acolhimento. Em segundo lugar, possibilitou uma ressignificação simbólica do espaço, que passou a ser percebido pelas usuárias como um lugar de cuidado, reconstrução e pertencimento. Como destaca Lefebvre (1991), o espaço não é neutro. Ele comunica, afeta, media relações e participa ativamente da produção de sentidos e identidades.

Ao unir rigor técnico, participação social e compromisso ético, a elaboração e a execução desta reforma humanizada demonstram a potência transformadora da engenharia quando orientada pela sensibilidade social e pela escuta ativa. O projeto reafirma o papel da universidade como agente de transformação e evidencia que a construção de ambientes mais justos e acolhedores é uma tarefa coletiva, que envolve diálogo, planejamento e ação comprometida com os direitos humanos.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A participação ativa das alunas do curso de Engenharia Civil no processo de humanização de um Centro de Acolhida Especial (CAE) revelou-se uma experiência formativa profundamente significativa, que rompeu com os limites da sala de aula e do ensino técnico tradicional. Mais do que aplicar conhecimentos normativos ou operacionais, as estudantes foram instigadas a mergulhar em um contexto social marcado pela vulnerabilidade, assumindo um papel ético, reflexivo e sensível às reais necessidades de mulheres em situação de violência. Essa vivência materializou o princípio freireano da educação como prática de liberdade, no qual o conhecimento técnico é compreendido como instrumento de transformação da realidade e promoção da dignidade humana (Freire, 1996).

Desde o início, as alunas participaram do diagnóstico participativo, conduzido com base na escuta atenta de profissionais da instituição e das mulheres acolhidas, conforme propõe a abordagem da Psicologia Social Crítica, que valoriza o saber situado e a construção coletiva do conhecimento (Lane; Codo, 2001). Com base nesse diagnóstico, elaboraram o projeto arquitetônico e funcional com foco na acessibilidade, no conforto e na humanização dos

espaços, utilizando ferramentas como a modelagem BIM (Building Information Modeling) para garantir compatibilização e viabilidade das soluções técnicas.

Durante a fase de execução da obra, as estudantes acompanharam com visitas periódicas, propuseram ajustes em campo e dialogaram com diversos agentes envolvidos. Essa imersão prática lhes permitiu vivenciar os desafios reais da engenharia, sobretudo em contextos de restrição orçamentária e elevada complexidade social. Desenvolveram, nesse processo, habilidades de tomada de decisão, resolução de conflitos, gestão de recursos e comunicação interpessoal — competências fundamentais para a atuação profissional na área (Giammusso, 2006; Tisaka, 2010).

No entanto, sua atuação extrapolou o domínio técnico. Ao interagirem com mulheres que haviam vivenciado processos intensos de exclusão, as alunas mobilizaram também competências socioemocionais como empatia, sensibilidade e responsabilidade ética. Para Lane (2001), é na interação com sujeitos históricos e em contextos concretos que se constrói um saber crítico e transformador, comprometido com a justiça social. Nesse sentido, a escuta das acolhidas deixou de ser apenas uma etapa de coleta de dados para se tornar uma prática de reconhecimento do outro como sujeito ativo na definição das soluções.

A articulação entre Engenharia Civil e Psicologia Social foi essencial para que o espaço reformado fosse concebido como mais do que uma estrutura funcional: ele passou a ser entendido como um ambiente de acolhimento, reconstrução subjetiva e resgate da autonomia. Tal concepção está alinhada à perspectiva de Montero (2006), para quem a transformação social só é possível quando os sujeitos se reconhecem como protagonistas na ressignificação de seus próprios espaços e experiências.

Com isso, a atuação das alunas reafirmou o papel da universidade como agente de transformação social, conforme previsto nas diretrizes da extensão universitária brasileira (Brasil, 2018). Ao integrarem teoria, prática e compromisso ético em um projeto com impacto direto na vida de mulheres em situação de vulnerabilidade, as estudantes vivenciaram um modelo formativo integral, que fortalece a dimensão cidadã da profissão e contribui para a construção de uma engenharia mais humana, sensível e comprometida com os direitos fundamentais.

Essa experiência revelou que o enfrentamento da violência contra a mulher também passa pela construção de ambientes dignos, acolhedores e seguros. Mostrou, ainda, que a formação universitária que dialoga com os territórios e escuta suas urgências pode contribuir efetivamente para a consolidação de uma sociedade mais justa, empática e equitativa.

### **3 METODOLOGIA**

Este projeto foi conduzido com base em uma abordagem qualitativa, participativa e interdisciplinar, fundamentada nos princípios da Pesquisa-Ação Participante (PAP), conforme proposto por Montero (2006). A metodologia se estruturou a partir do compromisso com a transformação social e com a valorização dos saberes coletivos, articulando a prática extensionista da Engenharia Civil com os fundamentos da Psicologia Social Crítica.

O foco da intervenção foi a humanização de um Centro de Acolhida Especial (CAE), voltado ao atendimento de mulheres em situação de violência e risco iminente de morte, na zona leste da cidade de São Paulo. O projeto foi desenvolvido por alunas do curso de Engenharia Civil, com o acompanhamento de docentes da área e o apoio da equipe técnica do abrigo.

A metodologia foi organizada em quatro etapas principais, que permitiram não apenas a elaboração técnica da proposta, mas também o desenvolvimento ético-político e social das estudantes envolvidas.

### 3.1 Diagnóstico Participativo

A etapa inicial consistiu em visitas técnicas ao abrigo, com observação do espaço físico e das dinâmicas de uso dos ambientes, acompanhadas por entrevistas informais com a equipe técnica (assistentes sociais, psicólogas, cuidadoras) e escuta das mulheres acolhidas. Esse momento teve como objetivo identificar necessidades concretas e simbólicas relacionadas ao espaço de moradia temporária.

Inspirada nos pressupostos de Lane (2001), que defendem a produção de conhecimento a partir da realidade vivida, essa escuta foi orientada pelo respeito às experiências das usuárias e profissionais do serviço, reconhecendo suas vozes como fontes legítimas para a definição das diretrizes do projeto. Foram identificadas diversas demandas, como ausência de acessibilidade, ventilação inadequada, dormitórios superlotados, espaços de convivência despersonalizados, áreas infantis desestruturadas e banheiros sem privacidade.

### 3.2 Elaboração do Projeto Arquitetônico e Técnico

Com base no diagnóstico, as alunas de Engenharia Civil desenvolveram um projeto arquitetônico de humanização, com foco em acessibilidade, funcionalidade, conforto e acolhimento. O projeto foi modelado em BIM (Building Information Modeling), conforme Figura 1, permitindo maior precisão nas simulações, análise de interferências, compatibilização de sistemas e visualização do impacto das intervenções.

Entre as principais soluções propostas estavam:

- Readequação dos dormitórios, com divisão mais eficiente do espaço e aumento da privacidade;
- Reforma e adaptação dos banheiros, com instalação de barras de apoio e layout acessível conforme a NBR 9050;
- Criação de áreas de convivência com mobiliário confortável, cores suaves e iluminação natural;
- Implantação de um espaço lúdico para crianças, com brinquedos educativos e segurança;
- Melhoria da ventilação e iluminação natural, por meio de ajustes em janelas e claraboias;
- Utilização de materiais sustentáveis e de fácil manutenção, com ênfase na durabilidade e no baixo custo.

Figura 1: Modelagem em BIM



Fonte: Arquivo Próprio

Essa etapa teve como premissa o entendimento do espaço como elemento simbólico de acolhimento, não apenas como abrigo físico, em consonância com os princípios da Psicologia Social e da arquitetura socialmente sensível.

### **3.3 Acompanhamento da Obra**

Durante a fase de execução da obra, as alunas participaram de visitas técnicas periódicas ao centro de acolhimento, com o objetivo de acompanhar a aplicação das soluções projetadas, observar as condições reais de intervenção e propor adequações técnicas conforme surgiam novas necessidades ou imprevistos. A participação ativa nesse processo permitiu a articulação entre teoria e prática, elemento essencial para a formação de engenheiras civis comprometidas com a qualidade técnica e com a realidade social dos espaços construídos.

Essas atividades foram acompanhadas por professores orientadores, que atuaram como mediadores andragógicos, estimulando a análise crítica das decisões técnicas e promovendo a autonomia das alunas na resolução de problemas identificados no local. Essa postura está em consonância com os princípios freireanos de educação, que defendem a formação de sujeitos ativos, reflexivos e éticos, capazes de intervir na realidade de maneira transformadora (Freire, 1996). Ao vivenciarem o processo de reforma do abrigo em seu contexto real, as estudantes desenvolveram habilidades relacionadas à tomada de decisão, comunicação interpessoal, trabalho em equipe e adaptação frente a desafios imprevisíveis.

Além disso, a experiência favoreceu o desenvolvimento de competências fundamentais para o gerenciamento de obras, como controle de cronograma, acompanhamento físico-financeiro, leitura e compatibilização de projetos, gestão de recursos e diálogo com diferentes agentes envolvidos na intervenção. Tais competências são essenciais para a atuação profissional da engenheira civil, conforme apontam Tisaka (2010) e Giammusso (2006), que destacam a importância da formação técnica articulada ao planejamento, à organização e à gestão integrada das etapas construtivas.

Como reforça Lane (2001), é na vivência concreta e situada que o saber técnico se torna significativo e transformador, permitindo que o exercício da engenharia seja orientado por valores éticos, humanos e sociais.

### **3.4 Entrega e Devolutiva Social**

Finalizada a reforma, foi realizada a entrega do espaço humanizado, com a presença das estudantes, docentes, equipe técnica e as acolhidas. A entrega foi acompanhada por um momento de devolutiva social, no qual as alunas compartilharam aprendizados e ouviram o retorno das acolhidas e profissionais sobre o impacto da intervenção. As Figuras de 2 a 9 mostram o antes e depois de algumas partes da reforma de humanização.

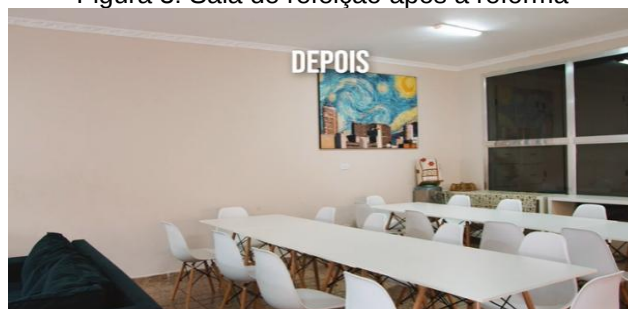
Essa etapa reforçou o compromisso ético com a comunidade atendida e consolidou o vínculo entre universidade e sociedade. Como defende Freire (1996), o conhecimento só é libertador quando se articula com a realidade concreta e é construído no diálogo com os sujeitos históricos.

Figura 2: Sala de refeição antes da reforma



Fonte: Arquivo Próprio

Figura 3: Sala de refeição após a reforma



Fonte: Arquivo Próprio

Figura 4: Banheiro antes da reforma



Fonte: Arquivo Próprio

Figura 5: Banheiro após a reforma



Fonte: Arquivo Próprio

Figura 6: Sala de estar antes da reforma



Fonte: Arquivo Próprio

Figura 7: Sala de estar após a reforma



Fonte: Arquivo Próprio

Figura 8: Sala TV para crianças antes da reforma



Fonte: Arquivo Próprio

Figura 9: Sala TV para crianças depois da reforma



Fonte: Arquivo Próprio

Realizamos um video ilustrativo com depoimentos das professoras, colaboradoras e alunas:

- Segue o link : <https://vimeo.com/865738228>

- Segue Qrcod



Por se tratar de um Centro de Acolhimento destinado a mulheres em situação de violência com risco iminente de morte, não foram tiradas nem divulgadas fotografias das mulheres acolhidas ao longo do projeto, a fim de preservar sua integridade física, emocional e psicológica, bem como garantir o sigilo de suas identidades. Essa medida segue os princípios da ética profissional e está amparada no art. 5º, inciso X da Constituição Federal, que assegura o direito à intimidade, à vida privada, à honra e à imagem das pessoas. Também se fundamenta na Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990), no caso de mulheres acompanhadas de filhos menores, e na Lei nº 13.675/2018, que institui o Sistema Único de Segurança Pública (SUSP) e estabelece a proteção de pessoas em situação de risco.

Além disso, por orientação da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) e em conformidade com os protocolos de segurança adotados pelos serviços de acolhimento institucional, o endereço do abrigo não pode ser divulgado. Essa prática visa garantir a segurança das mulheres, muitas das quais encontram-se sob ameaça concreta e precisam ser protegidas de seus agressores.

Tais medidas reforçam o compromisso do projeto com a ética, com a proteção da vida e com os princípios dos direitos humanos, assegurando que todas as etapas da intervenção tenham sido conduzidas com responsabilidade, respeito e sensibilidade diante da situação de vulnerabilidade das acolhidas.

### **3.5 Síntese Metodológica**

A metodologia adotada permitiu a construção de um processo formativo significativo, que uniu conhecimento técnico e sensibilidade social. A participação ativa das alunas desde o diagnóstico até a entrega final consolidou a proposta da formação integral da engenheira civil, comprometida não apenas com a técnica, mas com a transformação social e o enfrentamento das desigualdades estruturais.

Essa perspectiva está alinhada à concepção de universidade como agente de transformação social, que não apenas transmite conteúdos, mas forma sujeitos críticos e atuantes no mundo (Freire, 1996; Lane; Codo, 2001). Além disso, reafirma a importância da extensão universitária como prática que articula ensino, pesquisa e ação em diálogo com as demandas da comunidade (Montero, 2006). O projeto, ancorado na escuta, na participação e na responsabilidade social, mostrou-se uma prática concreta de extensão crítica, contribuindo para o fortalecimento da cidadania das mulheres acolhidas e para a formação de profissionais mais éticas, humanas e engajadas com a realidade brasileira.

## **4 RESULTADOS OBTIDOS**

A realização do Projeto Betânia gerou impactos concretos e simbólicos no Centro de Acolhimento Especial (CAE) reformado, refletindo tanto na melhoria da infraestrutura quanto na qualidade da experiência vivida pelas mulheres acolhidas e suas famílias. Os resultados podem ser organizados em três dimensões principais: transformações no ambiente físico, valorização simbólica do acolhimento e resultados formativos na trajetória das alunas de Engenharia Civil envolvidas.

### **4.1 Transformações no espaço físico**

As intervenções realizadas permitiram melhorias substanciais na infraestrutura e funcionalidade do CAE, resultando em um ambiente mais seguro, acessível, salubre e

acolhedor. As mudanças seguiram as diretrizes técnicas da NBR 9050 (ABNT, 2020) e foram orientadas por princípios de sustentabilidade, ergonomia e conforto ambiental (GIAMMUSO, 2006; TISAKA, 2010). Os principais resultados incluíram:

- A readequação dos dormitórios, que possibilitou melhor distribuição do espaço, maior privacidade entre os leitos e melhoria da ventilação natural, promovendo conforto e bem-estar;
- A reforma e adaptação dos banheiros com barras de apoio, pias e vasos sanitários acessíveis, ampliando o uso seguro e digno do espaço por todas as mulheres, inclusive com mobilidade reduzida;
- A criação de ambientes de convivência mais humanizados, com cores suaves, iluminação natural e mobiliário confortável, incentivando a socialização e o descanso;
- A implantação de um espaço infantil ao ar livre, estruturado como parque para crianças, com brinquedos abertos, almofadas, tapetes laváveis e materiais pedagógicos. Em diálogo com a equipe de psicólogas e assistentes sociais, optou-se por não utilizar brinquedos fechados, como casinhas de boneca, devido ao histórico de violência doméstica vivenciado pelas crianças, promovendo experiências que estimulassem a liberdade, o movimento e a leveza;
- A criação de um espaço de ginástica com equipamentos simples e espelhos, pensado para estimular o cuidado com o corpo, fortalecer a autoestima e promover a percepção corporal das acolhidas (MONTERO, 2006);
- A construção de um espaço multiuso destinado a cursos, rodas de conversa e oficinas. Esse espaço foi concebido para favorecer a troca de saberes entre as acolhidas, funcionando como ambiente de capacitação e convivência (FREIRE, 1996);
- A adoção de soluções sustentáveis, como o uso de tintas antimofa e iluminação de LED, que promovem economia, durabilidade e manutenção facilitada, respeitando o orçamento disponível.

Essas intervenções evidenciam o potencial transformador da Engenharia Civil quando integrada a uma abordagem social, sensível às necessidades humanas e aos direitos fundamentais das usuárias do serviço (BONDUKI, 2018; MINAYO, 2000).

#### **4.2 Valorização simbólica e subjetiva do acolhimento**

A reforma do CAE representou uma intervenção simbólica que contribuiu para o fortalecimento da autoestima, da identidade e do sentimento de pertencimento das mulheres acolhidas. O cuidado com os detalhes da ambientação, o respeito às especificidades do público atendido e a escuta ativa durante o processo de diagnóstico foram elementos que possibilitaram essa ressignificação subjetiva.

Como destacam Montero (2006) e Lane (2001), ações comunitárias que valorizam o diálogo e a participação têm o poder de reconstruir vínculos e subjetividades marcadas pela exclusão. Ao perceberem que o espaço havia sido reformado com carinho, atenção estética e funcionalidade, muitas mulheres relataram sentirem-se respeitadas e acolhidas. O novo ambiente passou a ser percebido não apenas como abrigo emergencial, mas como um lugar de recomeço, cuidado e reconstrução.

Esse efeito simbólico da arquitetura e da engenharia sobre os processos psíquicos e sociais reafirma a importância de projetos que considerem o espaço como mediador das relações humanas e promotor de cidadania (LEFEBVRE, 1991; YAZIGI, 2006).

#### **4.3 Resultados formativos para as alunas**

Do ponto de vista andragógico, o projeto representou uma experiência formativa ampliada para as alunas do curso de Engenharia Civil. Inseridas em um contexto real de

vulnerabilidade social, elas puderam aplicar e revisar seus conhecimentos técnicos, além de desenvolverem competências éticas, políticas e interpessoais fundamentais para sua atuação profissional.

Entre os principais aprendizados, destacam-se:

- O exercício da escuta qualificada como ferramenta de diagnóstico técnico e social (MONTERO, 2006);
- A vivência concreta da metodologia de Pesquisa-Ação Participante, integrando os saberes acadêmicos ao conhecimento popular e institucional (THIOLLENT, 2011);
- A articulação entre planejamento técnico, orçamento, cronograma e adaptação de soluções a contextos com limitações de recursos (GIAMMUSSO, 2006);
- A sensibilização para os impactos sociais da engenharia na vida cotidiana, reforçando o papel da futura profissional como agente de transformação (FREIRE, 1996; BONDUKI, 2018);
- O fortalecimento da autonomia, da criticidade e da atuação colaborativa, conforme preconizado pelas diretrizes da extensão universitária brasileira (BRASIL, 2018).

Essa vivência prática reafirma o papel da universidade na formação de profissionais éticos, engajados e sensíveis às necessidades sociais do país. Como apontam Tisaka (2010) e Giammusso (2006), o conhecimento técnico em engenharia deve estar articulado à capacidade de planejar, executar e gerir obras com responsabilidade social. Para Lane e Codo (2001), a atuação em contextos concretos é essencial para a construção de saberes comprometidos com a transformação da realidade.

Em síntese, os resultados do Projeto Betânia evidenciam que a articulação entre extensão universitária, saber técnico e compromisso ético pode gerar transformações significativas. O CAE reformado tornou-se um espaço mais digno, seguro e humanizado, fortalecendo a cidadania das mulheres e crianças acolhidas e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e sensível às desigualdades estruturais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Projeto Betânia representa uma síntese potente entre saber técnico, sensibilidade social e compromisso ético. Ao promover a reforma de um Centro de Acolhida Especial (CAE) com a participação ativa de alunas de Engenharia Civil, aliou-se o rigor técnico à escuta qualificada, o planejamento arquitetônico à construção simbólica de pertencimento, e a prática extensionista à formação crítica de futuras profissionais. Trata-se de uma experiência que reafirma a potência transformadora da universidade quando orientada por princípios de responsabilidade social (Freire, 1996; Lane; Codo, 2001).

Os resultados alcançados transcenderam a melhoria física da infraestrutura do Centro de Acolhida Especial (CAE): o espaço requalificado passou a comunicar cuidado, acolhimento e dignidade. Ambientes mais acessíveis, funcionais e humanizados contribuíram para restaurar a autoestima e a segurança emocional das mulheres acolhidas, muitas das quais marcadas por trajetórias de violência e exclusão. A intervenção mostrou que o espaço físico pode ser mediador simbólico de relações humanas e promotor de cidadania (Montero, 2006; Yazigi, 2006; Lefebvre, 1991).

Do ponto de vista andragógico, o projeto representou uma vivência formativa ampliada. As estudantes puderam aplicar seus conhecimentos técnicos em contexto real, desenvolvendo também competências interpessoais, sensibilidade social e capacidade crítica. Tal processo está em consonância com a concepção freireana de educação como prática libertadora e com a proposta de extensão crítica universitária (Freire, 1996; Brasil, 2018). A vivência concreta da Pesquisa-Ação Participante fortaleceu a articulação entre teoria e prática, favorecendo a formação integral das futuras engenheiras (Montero, 2006; Thiollent, 2011).

Além disso, o projeto evidenciou a importância de uma atuação interdisciplinar, integrando os campos da Engenharia Civil e da Psicologia Social, com foco no enfrentamento das desigualdades estruturais que atingem mulheres em situação de violência. Essa abordagem contribuiu para consolidar o CAE como um espaço de reconstrução subjetiva, fortalecimento da autonomia e ressignificação do acolhimento (Lane, 2001; Minayo, 2000).

Por fim, o Projeto Betânia deixa como legado um espaço requalificado e humanizado, mas, sobretudo, uma prática concreta de transformação social construída em diálogo com a comunidade e orientada por valores éticos e humanitários. Que esta experiência inspire novas ações que unam conhecimento técnico e sensibilidade social, reafirmando o papel da universidade como agente ativo na construção de uma sociedade mais justa, segura e acolhedora para todas as mulheres.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por guiar cada etapa deste projeto com sabedoria, força e propósito. À Universidade Presbiteriana Mackenzie, por promover uma formação acadêmica comprometida com os valores cristãos, a responsabilidade social e a excelência técnica. Agradecemos à Tegra Incorporadora, pela generosa execução da obra que possibilitou a materialização do Projeto Betânia, contribuindo de forma decisiva para a requalificação do espaço de acolhimento. À Alethéia Produções, pela sensível e cuidadosa produção do vídeo de divulgação, que registrou e comunicou com excelência a importância desta iniciativa. À equipe do Centro de Acolhida Especial Ester, pela confiança, abertura e acolhimento imprescindíveis à realização da intervenção. À Escola de Engenharia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, pelo apoio institucional ao projeto e pelo incentivo à formação ética, técnica e socialmente engajada de suas estudantes.

## REFERÊNCIAS

ABNT. NBR 9050: **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2020.

BONDUKI, Nabil. **A luta pela reforma urbana no Brasil: do Seminário de Habitação e Reforma Urbana ao Ministério das Cidades**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018.

BRASIL. *Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira e regulamenta a integração das atividades de extensão na matriz curricular dos cursos de graduação*. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 dez. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIAMMUSSO, Maurício. **Orçamento de obras: planejamento e controle**. São Paulo: PINI, 2006.

LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. ***O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde***. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MONTERO, Maritza. **Hacer para transformar: el método en Psicología Comunitaria**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TISAKA, Maria Heloísa T. **Gerenciamento de obras: uma abordagem prática**. São Paulo: PINI, 2010.

YAZIGI, Eduardo. **Arquitetura e identidade: os espaços de vida e seus habitantes**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

### **BETÂNIA PROJECT: SOCIAL REDEVELOPMENT OF A SPECIAL SHELTER CENTER** **The Role of Civil Engineering in Enhancing Social Reception Infrastructure**

Violence against women is one of the most persistent violations of human rights in our society. Despite the progress achieved by the feminist movement, addressing this reality demands concrete and continuous actions that promote shelter, structure, and opportunities for a fresh start. This project carried out the full renovation of a Special Shelter Center (CAE) for women in situations of violence, aiming to create a safe, dignified, and humanized environment — a space that welcomes, empowers, and promotes personal and social autonomy. The initiative involved active listening to the shelter team, collaboration with the private sector, and careful technical execution, resulting in adapted bedrooms, leisure areas, children's spaces, and significant improvements to common areas. More than a construction effort, this initiative became a space of human reconstruction, demonstrating the transformative power of civil engineering when aligned with social commitment.

Keywords: violence, women, initiative, renovation.

